

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

MIGUEL MACHADO MELLO GOMES DE BARROS

O caminho da educação?

Um relato de experiência sobre aulas de Judô no Ginásio Tesourinha

Porto Alegre
2023

MIGUEL MACHADO MELLO GOMES DE BARROS

O caminho da educação?

Um relato de experiência sobre aulas de Judô no Ginásio Tesourinha

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do título de bacharelado em
Educação Física pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Guy Ginciene

Porto Alegre
2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que, como eu, acreditam na Educação como um valor para todos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela presença e amparo constantes nos meus momentos de dúvida.

Ao meu orientador Guy Ginciene, pela parceria, consideração e enorme paciência comigo.

À professora Raquel da Silveira, por gentilmente ter aceitado avaliar este trabalho e por ter sido um exemplo para mim durante a graduação.

À minha melhor amiga, Deiziane Stivanin, pelo apoio em todas as horas.

RESUMO

O Judô é um esporte de combate de origem japonesa, criado pelo pedagogo Jigoro Kano, em 1882, com base no *Ju-jutsu*, arte marcial usada no período feudal pelos samurais. A criação de Kano foi pensada como uma ferramenta pedagógica a ser usada para aprimorar o físico, a mente e a moral de seus praticantes (KANO, 2017), com preceitos éticos preservados do *bushido* dos samurais (TRUSZ, 2018). Este relato de experiência narra situações que considere marcantes ocorridas durante a disciplina de Estágio Profissional em Lazer, realizada no semestre 2022/1, entre os dias treze de julho e quatorze de outubro, acompanhando a turma de iniciantes (cinco a oito anos de idade) de Judô no Ginásio Tesourinha, e traz minhas reflexões sobre esses casos, mais especificamente, a impressão de que a tarefa de educar recaiu em mim e no professor da turma por conta do status de “esporte que educa” que o Judô possui, e a dificuldade de certos alunos em lidar com a derrota no contexto da luta. Palavras-chave: Judô, Relato de experiência, Educação, Formação, Competição.

ABSTRACT

Judo is a combat sport of Japanese origin, created by the pedagogue Jigoro Kano, in 1882, based on *Ju-jitsu*, a martial art used in the feudal period by samurais. Kano's creation was thought as a pedagogical tool to be used to improve the physique, the mind and the moral of its practitioners (KANO, 2017), with ethical precepts preserved from the samurai's *bushido* (TRUSZ, 2018). This experience report narrates situations that I considered striking that occurred during the discipline Professional Internship in Leisure, realized in the 2022/1 semester, between July thirteen and October fourteenth, accompanying the Judo beginners class in the Tesourinha Gym, and presents my reflexions about these cases, more specifically, the impression that the task to educate fell onto me and the class teacher because of the "sport that educates" status that Judo has, and the difficulty that some students have in dealing with defeat in the context of the fight.

Key-words: Judo, Experience report, Education, Formation, Competition.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	8
2 INTRODUÇÃO	10
2.1 OBJETIVO	11
2.2 MARCO TEÓRICO.....	11
2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
3 O CAMINHO DA EDUCAÇÃO?.....	14
4 VIVENDO E APRENDENDO A PERDER	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

1 APRESENTAÇÃO

Minha relação com o universo da Educação Física é um tanto peculiar. Fiz o caminho contrário ao de muitos “atletas natos”: indiferente na infância e tremendamente apaixonado neste momento atual de “adultice”. Embora tenha feito aulas de Natação e participado de alguns treinos de Tênis com meu irmão mais velho quando criança, não sentia vontade de praticar esportes, preferindo jogar videogame. Era realmente um suplício participar de qualquer atividade física que envolvesse habilidade motora, regras e esforço físico. A fauna selvagem que monopolizava a quadra esportiva da minha praça era exatamente isso, selvagem. Não havia lugar para os desajeitados ou para os que, mesmo conscientes de suas limitações em campo, resistiam heroicamente e queriam continuar jogando, apesar dos apelos enérgicos dos companheiros de time para que dessem lugar a outro “mais capacitado” durante as partidas. Entretanto, para que não sobre uma imagem distorcida de mim, quero deixar registrado que, como a imensa maioria da população, aprendi a andar de bicicleta e de pernas de pau quando ainda começava a perder meus dentes de leite e sob a supervisão e apoio tático de meus pais. Infelizmente, eu só não era adepto do “futebol de rua” ou dos clássicos de “taco” nessa época.

Minha vida como estudante em uma escola pública da rede estadual começou lentamente a transformar a percepção negativa que tinha da prática esportiva. O território bárbaro das “peladas” na vizinhança de casa foram sendo substituídos, aos poucos, por outro mais civilizado, o do pátio da escola. Nele, as regras dificilmente variavam ao sabor das vontades ou dos gritos. Tudo era combinado antes e, quase sempre, cumprido à risca por todos. Havia um mediador para arbitrar e para fazer valer os limites e a vez de cada um, não importando a expertise ou a linhagem olímpica dos participantes. A figura do professor que explicava, demonstrava, corrigia, incentivava e jogava junto foi fundamental na minha vida.

No final do Ensino Médio, despertei para a prática regular de esportes, pois queria fazer algo diferente, socializar, jogar para me divertir com os colegas, e não para ganhar partidas. Contudo, por ter 17 anos nessa altura, eu já era considerado “velho demais” para aprender uma modalidade esportiva como futebol ou basquete. Não me encaixava em grupos de iniciantes (quase todos frequentados e pensados para crianças), muito menos nos avançados, cujo público já estava quase perto da jubilação por tempo de prática.

Então comecei timidamente a treinar por conta própria, tentando imitar os jogadores que tanto admirava. Também me tornei um ávido leitor sobre esportes em geral, talvez na tentativa de compensar a minha aparente “desvantagem etária” com a imersão consciente naquilo que eu buscava aprender: a ser tão bom quanto os melhores. Desse modo, acabei, por vias tortas, sendo meu próprio professor e mediando o meu processo de aprendizagem. Pode ter demorado, mas meu sentimento de paixão por esportes finalmente havia desabrochado, e um mega-evento imperdível batia à porta: os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Eu já havia concluído o Ensino Médio e estava estudando para o ENEM e o vestibular, mas fiz questão de acompanhar os Jogos; afinal, eles só ocorrem de quatro em quatro anos. Meu maior desejo era ver a seleção masculina de futebol conquistar o ouro que há muito tempo faltava, mas tratei de acompanhar o máximo de modalidades possível, mesmo não sabendo bem como funcionavam, e uma dessas modalidades foi o Judô. Dei sorte, pois a primeira luta que vi na vida foi a disputa pelo ouro da categoria até 57kg, vencida por Rafaela Silva. Quando as câmeras de TV fecharam no rosto dela e vi o seu olhar, senti que ela só sairia daquele tatame com a medalha de ouro no pescoço. Sem entender direito o que estava acontecendo, torci para que ela vencesse. As cenas de Rafaela se ajoelhando no tatame e começando a chorar de emoção por ter vencido, bem como aquela em que ela aparece no topo do pódio, cantando o hino nacional, marcaram-me bastante. “O Judô parece legal”, pensei. Mal sabia que logo teria a chance de praticar essa arte/luta.

Minha paixão por esportes e a influência de minha família, que conta com quatro professores, e, principalmente, minhas experiências sofridas em quadra, levaram-me ao curso de licenciatura em Educação Física. De modo bem idealista, meu propósito inicial era ajudar jovens que, como eu, começaram “tarde demais” a se interessar por esportes. Consegui entrar na UFRGS no segundo semestre de 2017 e, no segundo semestre de 2018 (meu terceiro na faculdade), vi que a disciplina de Judô estava sendo ofertada. Lembranças do triunfo de Rafaela no Rio de Janeiro logo me vieram à mente. Então decidi experimentar essa modalidade que desde 2016 me intrigava. Como nunca havia lutado na vida, o começo foi bastante difícil. Tudo era muito novo, e eu custava a pegar o jeito da coisa. Graças ao incentivo de minha mãe e da mão amiga do meu querido colega Guilherme Perelló, pude me superar e conseguir ir além do que era passado nas aulas. Voltei à minha estratégia autodidata de aliar a leitura teórica com a vivência prática. Em alguns momentos, fui meu próprio professor, criei

minha rotina de “aulas” e fiz meu processo de autoavaliação a partir daquilo que pesquisava. Fiquei encantado pelo Judô. Após ser aprovado na disciplina, resolvi começar a treinar no projeto Bugre Lucena, na própria ESEFID. Hoje, sou faixa laranja e, embora não tenha conseguido voltar a treinar regularmente, mantenho um grande carinho pela modalidade. Sigo ainda meu processo de construção como praticante e como professor.

Já no bacharelado em Educação Física, cursei a disciplina de Estágio Profissional em Lazer. Uma das opções de locais para estagiar era o Ginásio Tesourinha, e, dentre as diferentes atividades ofertadas, havia o Judô. Decidi ministrar aulas de Judô ali por dois motivos bem simples: adoro dar aula e adoro o Judô. As experiências resultantes foram muito boas e, por esse motivo, resolvi fazer este trabalho, contando um pouco do que vivi nos meses em que estive no ginásio, as dificuldades que encontrei para ministrar as aulas, meus acertos e minhas dúvidas.

2 INTRODUÇÃO

A tradição do Judô está intimamente ligada a uma noção pedagógica ontológica: a criação de um “caminho” para se chegar a um fim de autoconstrução pessoal, de aprimoramento individual e de autoconhecimento através da experiência do combate. Enfrentar outra pessoa implica, segundo o criador dessa arte, a oportunidade de um crescimento mútuo, impossível de ocorrer sem o confronto com um oponente, e não um inimigo, como na Era dos Samurais. Esse princípio do Judô, intitulado *Jita Kyoie* (bem-estar e prosperidade mútua), apenas reforça o caráter formativo da prática: lutar-se para crescer, não apenas vencer. Com a ascensão do Judô a esporte olímpico, mudou também a sua visibilidade junto ao público, aumentando a procura e adesão a essa modalidade. Ela, que teve muitos de seus preceitos éticos preservados do *bushido*, código de honra dos samurais (TRUSZ, 2018), como disciplina e respeito, talvez por ter vindo de um país tão distante do nosso (como o Japão), ganhou uma espécie de reputação como “esporte que ensina a respeitar” e virou uma opção atrativa para pais que querem que crianças muito agitadas, bagunceiras e briguentas “se endireitem”, bem como tentar ensinar como lidar com as derrotas e as frustrações causadas por elas de maneira positiva. Mas será que é assim mesmo?

2.1 OBJETIVO

O objetivo do presente relato é, com base nas experiências que tive durante o estágio obrigatório em Lazer, realizado em um ginásio da cidade de Porto Alegre, refletir sobre casos que ocorreram antes, durante e após as aulas de Judô, modalidade que acompanhei durante o semestre letivo 2022/1 da UFRGS.

2.2 MARCO TEÓRICO

A história do Japão é uma história de combates, e o ato de lutar é parte indissociável da identidade japonesa, como bem atestam os mitos de fundação do Japão, com o duelo feroz entre os deuses Take-Mikazuchi e Take-Minakata pela soberania da terra, naquela que é dita como a primeira disputa de sumô (PATE, 2013). Historicamente, as inúmeras batalhas do período *Sengoku* (estados em guerra), época de constantes guerras civis (SANTOS, 2011), referendam esse matiz identitário, a exemplo da batalha de Sekigahara, de 1600, que foi o sangrento epílogo da fase mais violenta da história nipônica, sucedida por um tempo de crescimento econômico, paz e isolacionismo internacional, o período Edo.

Os protagonistas do período *Sengoku* foram os guerreiros conhecidos como samurais, peritos no manejo da espada, da cavalaria, do tiro com arco e do *Ju-jutsu* (TRUSZ, 2018), uma arte marcial que, por usar técnicas de projeção, estrangulamento e chaves de articulação, permitia que o usuário lutasse desarmado e suavizasse os danos decorrentes de quedas com técnicas de amortecimento, úteis quando caíam dos cavalos. Com a modernização do país durante a era Meiji, os samurais foram perdendo relevância na sociedade japonesa, relíquias de um passado que deveria ser deixado para trás em prol do progresso. Apesar disso, o *Ju-jutsu* sobreviveu, sendo adotado pela Polícia e a Marinha como principal arte marcial e, portanto, virando um conhecimento detido por algumas poucas pessoas. Contudo, em 1882, um rapaz chamado Jigoro Kano criou algo novo a partir do *Ju-jutsu*: o Judô.

O contato do jovem Jigoro com o *Ju-jutsu* aconteceu devido ao *bullying* que ele, infelizmente, sofria na escola, motivado por seu físico baixo e franzino. Através de um amigo da família, ficou sabendo da existência dessa arte marcial da época dos samurais, famosa por, supostamente, permitir que um sujeito menor e mais fraco superasse um rival maior e mais forte. Apesar dos protestos de seu pai, que

considerava o *Ju-jutsu* perigoso, Kano iniciou sua busca por mestres (WATSON, 2008).

Os estudos de Jigoro no *Ju-jutsu* começaram em 1877, enquanto frequentava a Universidade Imperial de Tóquio, sob a tutela de Hachinosuke Fukuda, praticante do estilo *Tenjin Shinyo*, que dava ênfase para técnicas de estrangulamentos, chaves de articulações e imobilizações, com menor foco para as de projeção (KANO, 2018). O método de ensino de Fukuda consistia em derrubar o aluno com uma técnica específica até que ele compreendesse como funcionava, momento, então, em que ele daria instruções mais detalhadas (KANO, 2018). Embora comum na época, as estratégias de luta propostas por Fukuda incomodavam Jigoro, que queria entender detalhadamente os princípios por trás dos golpes. Após o falecimento de Fukuda, Kano aprendeu outro estilo de *Ju-jutsu*: o *Kito*, com Tsunetoshi Iikubo. Esse estilo, ao contrário do *Tenjin Shinyo*, enfatizava as projeções, e não as técnicas de estrangulamentos, chaves de articulações e imobilizações. As diferentes metodologias de ensino e a falta de clareza sobre qual era o “fio condutor”, o princípio único que regia o *Ju-jutsu* faziam com que Jigoro se sentisse perdido (KANO, 2017). Após muitas reflexões, ele encontrou aquilo que considerava ser o fundamento que unifica os diferentes estilos de *Ju-jutsu*: a necessidade de utilizar a menor quantidade de energia, tanto física quanto mental, de modo eficiente. Então, depois de rever as técnicas que aprendeu das escolas *Tenjin Shinyo* e *Kito*, escolheu manter aquelas que seguiam o princípio guia e descartou as que não, ou as que fossem demasiadamente perigosas (KANO, 2017). A essa junção de estilos, Kano deu o nome de Judô.

Apesar de o Judô ser, na prática, a reunião de determinadas técnicas de diversos estilos de *Ju-jutsu*, seu propósito é extremamente distinto. Diferentemente da arte marcial usada na época dos samurais para derramamento de sangue, o Judô foi pensado como uma ferramenta pedagógica, usada para o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos praticantes (KANO, 2018). Jigoro enxergou na luta algo além da busca por subjugar inimigos de modo violento, mas a possibilidade de crescer, de se aprimorar, de virar uma pessoa melhor através do combate com um rival. Essa diferença já fica clara quando analisamos os ideogramas usados nos nomes *Ju-jutsu* e Judô. Como explica Barros (2021), embora ambas contenham o ideograma *Ju*, que significa “gentileza” ou “suavidade”, *Jutsu* significa “arte” ou “prática” e *Do* “caminho” ou “princípio”, indicando que o *Ju-jutsu* (arte gentil) está voltado mais para o aspecto

procedimental, a habilidade e o gesto técnico, enquanto o Judô (caminho gentil) tem um caráter mais filosófico, sendo um caminho a trilhar ou um modo de vida a ser buscado. O foco do Judô é buscar o *Do*, com o *Jutsu* sendo algo secundário (KANO, 2018).

O sucesso do Judô se deve muito ao cuidado de Jigoro Kano em criar uma sequência pedagógica adequada, primeiro ensinando como cair de maneira segura para então derrubar, e até pelas vestimentas utilizadas, já que as usadas nos treinos de *Ju-jutsu* deixavam expostos joelhos, cotovelos e tornozelos (WATSON, 2008). Mesmo sendo produto da era Meiji, período de modernização do Japão (SANTOS, 2011), houve uma atenção por parte de Jigoro Kano em não prescindir das raízes oriundas do *Ju-jutsu*, consideradas importantes heranças culturais (KANO, 2018). A partir do antigo, criou o novo, e os métodos de ensino concebidos por Kano são usados até hoje em clubes, escolinhas e projetos sociais.

Há dois métodos principais de ensino no Judô: *Randori* (prática livre) e *Kata* (forma) (KANO, 2017). O primeiro consiste em lutar com um colega, com o objetivo sendo derrubá-lo com as escápulas no tatame, quando a luta for em pé, ou, quando a luta for no solo, aplicar uma chave de articulação, imobilização ou estrangulamento, para, assim, obter o *ippon* (ponto perfeito), “matando” simbolicamente o oponente como nos tempos das batalhas dos samurais (BARROS, 2021). Já o segundo método envolve a realização de movimentos preestabelecidos que incluem *Atemi-waza* (técnicas de ataques contundentes, única instância em que são usadas) e *Nage-waza* (técnicas de projeção), como se fosse uma coreografia, com um colega que não oferece resistência. Esses métodos se assemelham aos princípios global-funcional e analítico-sintético, respectivamente, pois, durante o *Randori*, a técnica é aprendida e desenvolvida dentro do contexto da luta, enquanto que, na prática dos *Katas*, a técnica é treinada fora do contexto da luta, sem oposição, para então ser aplicada no combate (BARROS, 2021).

2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este relato tem caráter qualitativo. Neves (1996) define a pesquisa qualitativa como aquela que compreende um conjunto de técnicas interpretativas, objetivando descrever e decodificar partes de um complexo sistema de significados.

Para este trabalho, escolhi realizar a narrativa de uma experiência. Bondía (2002) descreve a experiência como algo que nos passa, que nos acontece, que nos toca. Um mesmo acontecimento pode gerar diferentes vivências que, por sua vez, levam à elaboração de saberes provenientes delas. A experiência possui o poder de nos transformar de diferentes maneiras, possibilitando novos olhares. Portanto, escolhi falar sobre minha experiência na disciplina de Estágio profissional em Lazer.

O estágio foi realizado no Ginásio Municipal Osmar Fortes Barcellos, conhecido popularmente como Ginásio Tesourinha, batizado assim em homenagem ao ponta-direita do time multicampeão do Sport Club Internacional na década de 40, apelidado de Rolo Compressor. O ginásio fica na Avenida Érico Veríssimo, no bairro Menino Deus, em Porto Alegre. Acompanhei as aulas de Judô da turma de iniciantes, que eram realizadas às quartas e sextas-feiras, e tinham uma hora de duração, indo das 9h às 10h da manhã. Como o professor me informou, as crianças vinham de diferentes partes da cidade e eram de diferentes classes sociais. Não era cobrada a frequência dos alunos. Sendo assim, era comum que alguns alunos faltassem até três aulas seguidas e depois voltassem a participar das atividades sem, com isso, serem desligados do projeto. Comecei minhas observações no dia 13 de julho de 2022 e encerrei minha participação no estágio no dia 14 de outubro de 2022. Minhas principais atribuições eram auxiliar o professor nas atividades práticas e ministrar parte das aulas. A faixa etária dos alunos, no começo, ia dos cinco aos doze anos. Contudo, no meio do estágio, os alunos acima dos dez anos foram alocados no horário das 10h. Após cada aula, registrei os acontecimentos que achei relevantes em um diário, que foi consultado durante este trabalho para rememorar as situações que mais me chamaram a atenção no período do estágio. Para preservar a identidade dos alunos, nomes fictícios foram utilizados.

3 O CAMINHO DA EDUCAÇÃO?

As aulas que acompanhei no Tesourinha, com a turma de iniciação (crianças entre cinco e oito anos), não eram voltadas para o desempenho competitivo, como acontece em alguns clubes, mas para vivências da modalidade e para o desenvolvimento motor geral. A proposta era a de sensibilizar para a prática do Judô e possibilitar uma certa ambiência com as rotinas inerentes à prática. Algo que me chamou a atenção desde o primeiro dia no estágio foi a energia da turma: eram crianças muito animadas. Contudo, alguns alunos recorrentemente causavam

problemas, seja por incomodarem colegas nas filas ou durante as explicações, por não esperarem sua vez para falar ou simplesmente por deixarem de realizar as atividades para brincar de outra coisa, caso de Renato e de Dirceu. Renato já era aluno do Tesourinha quando iniciei meu estágio, enquanto Dirceu entrou na turma no dia 5 de agosto de 2022. Renato era trazido para a aula por sua mãe. Já Dirceu tinha como responsável seu irmão mais velho.

Dirceu, por vezes, conversava durante explicações de atividades e queria brincar em vez de fazer exercícios. Quando tinha sua atenção chamada por mim ou pelo professor, seu irmão rapidamente reforçava nosso aviso, pedindo para que o caçula prestasse atenção na aula e se concentrasse. Nas conversas que teve comigo, notei que Dirceu associava o Judô com a questão de autodefesa, já que, quando eu fazia perguntas como “para que serve o Judô?” e “Sabe qual é uma das coisas mais importantes no Judô?”, ele respondia “para se defender” e “se proteger”. Essa visão o que me fez questionar sobre o real motivo de sua matrícula: se não era por implicarem com ele no bairro em que mora ou na escola. Entretanto, vendo seu comportamento no tatame, fiquei com a impressão de que ele queria mesmo brincar de “lutinha” com o que aprendesse nas aulas. Fabiani *et al.* (2016) sustentam que, como a luta é considerada um jogo dentro do âmbito da pedagogia do esporte, sendo, por isso mesmo, uma simulação lúdica da realidade, o que ajudaria entender a razão de Dirceu querer “brincar de lutar” mais do que treinar para, então, lutar. Partindo dessa premissa, é lícito questionar: se o Judô é um jogo, por que não brincar à sua maneira, livremente? Algo que atrapalhava a evolução de Dirceu, não apenas técnica, mas comportamental, era a assiduidade irregular com que comparecia às aulas. Como a frequência não era cobrada, alguns alunos faltavam duas ou três aulas seguidas e depois retomavam as atividades, o que, além de impactar na criação do vínculo com o professor, pareceu afetar a compreensão sobre como se portar no tatame, prejudicando o processo de criação de hábitos esperados no Judô. No caso de Dirceu, essa rotina inconstante resultou em várias advertências sobre as situações antes relatadas.

Renato tinha o hábito de implicar com os colegas na fila. Seus alvos preferidos eram Sérgio e Éder, que muitas vezes choravam em aula por não terem atendidos seus pedidos para que Renato parasse. A recorrência desse comportamento inadequado apontou para outros complicadores vividos por ele durante as aulas, como sua dificuldade em esperar o comando do professor para começar as atividades e

seguir as instruções, exemplificado no dos treinos de ukemis, em que iniciava antes do momento combinado e aplicava a técnica fora da contagem do professor. Entretanto, nessas situações, não recebia advertência. Contudo, em várias aulas, Renato acabava sendo retirado da atividade como sanção por ter incomodado algum colega, ainda que lhe fosse pedido que parasse. Após uma conversa com o professor, Renato retornava e não causava problemas até o final da aula.

Mesmo assíduo às aulas e sendo repreendido por incomodar os colegas, Renato persistia em seu comportamento inadequado. Em uma aula, ele ficou cutucando Sérgio, que pedia insistentemente para que parasse, o que não ocorreu. O professor, então, reuniu os alunos em círculo e falou sobre o respeito aos colegas e ao corpo de cada um, sobre a necessidade de parar com “brincadeiras” quando isso nos é pedido. A conversa foi extremamente pertinente, visto que outros alunos também faziam coisas assim, embora numa frequência menor. Pensei que esse poderia ser um momento de virada para Renato, levando-o a entender que não era aceitável fazer coisas como empurrar os colegas na fila ou ofendê-los verbalmente de “chatos” ou “burros”. O momento de virada, na realidade, veio para mim.

Ao final de uma aula, enquanto estávamos alinhados para a saudação final, Renato, mais uma vez, implicou com Sérgio, o que levou o professor a apenas avisar que já havia conversado sobre respeitar o espaço dos colegas. A mãe de Renato estava também presente na aula em que aconteceu essa conversa, observando de fora e esperando o filho. Ela certamente deveria estar a par das coisas que ele fazia em aula. Para minha surpresa, após Renato ter sido repreendido mais uma vez e de a aula ter acabado, sua mãe nada disse, apenas o ajudou a vestir a roupa, e ambos foram embora. Isso me causou estranheza, pois imaginei que ela tomaria uma atitude similar à do irmão mais velho de Dirceu, reforçando a fala do professor, mas isso não ocorreu. Em um primeiro momento, fiquei sem entender o que ocorria. Como é que a mãe não deu uma advertência sequer ao filho que, claramente, estava tendo comportamentos inadequados na aula? Será que conversariam sobre isso em casa?, pensei. Porém, também aventei a hipótese de que, talvez, a função de educar Renato e de “colocá-lo nos eixos” tivesse sido “repassada” para nós, judocas, pois, como diz o senso comum, o “Judô ensina respeito”. Mas essas digressões resultantes desses episódios reforçam a necessidade de, como diz Bee (2003), “examinar o desenvolvimento com um olhar coletivista”, que reconheça o papel do contexto familiar e cultural de cada indivíduo em seu processo de amadurecimento pessoal e de

interação com outros fora de seu grupo doméstico. Questões como: por que a família optou pelo Judô?; que expectativas relativamente às aulas e ao próprio Judô as famílias têm/criam?; como essas perspectivas são repassadas para as crianças?; o que as crianças esperam aprender/fazer?; elas têm ou demonstram prontidão ou maturidade emocional para praticar o Judô, seguindo o regramento e as orientações dadas pelo mestre/professor? Como se pode constatar, tais reflexões interferem de modo direto na organização das aulas e nas ações pedagógicas a serem implementadas durante as práticas.

Um outro ponto a ser discutido aqui é a imagem “formativa” que o Judô carrega consigo, resultante de um esforço de Jigoro Kano para valorizar e estimular o respeito dentro e fora do tatame, afinal, há muito mais envolvido na prática dessa arte do que a atividade física pura e simples. Há um conjunto de preceitos de conduta que sublinham atitudes como a reverência em respeito ao mestre (e, por extensão, aos mais velhos), a noção de quando parar durante um combate (seja por *ippon*, seja por submissão do adversário), o que implicaria também a percepção do freio inibitório do praticante nas suas ações cotidianas, fora do contexto da luta. Esse último aspecto, o do autocontrole, é especialmente caro àqueles que buscam o Judô como ferramenta formativa para os seus filhos, pois está compreendida aí a ideia de que todos aqueles que praticam essa modalidade esportiva atingirão um certo grau desejável de autodomínio. Sem isso, os golpes não passariam de maneiras diferentes de machucar outra pessoa!

Embora as pretensões de Jigoro Kano, ao criar o Judô, fossem apenas pedagógicas, não demorou muito para que os valores praticados no tatame encontrassem eco nos ideais propagados pelo movimento olímpico. Assim, foi apenas uma questão de tempo para que o Judô ganhasse visibilidade internacional e status olímpico, alavancando a sua popularidade entre grupos e camadas sociais, posto que, segundo dados da Federação Internacional de Judô, o esporte é praticado em 207 países e é presença constante no programa olímpico desde os Jogos de Munique, em 1972, sempre ancorado na questão dos valores éticos e morais. Essa concepção altamente didática do Judô, além de amplamente difundida na sociedade ocidental, trouxe junto a expectativa de que seu aprendizado e prática garantiriam a internalização do respeito ao outro, a disciplina, o autocontrole, a perseverança, a coragem, a autossuperação, a clareza na tomada de decisões, a organização, dentre outras coisas, no imaginário dos pais. Esses fatores, por si sós, já seriam suficientes

para levar as famílias a escolherem o Judô como opção “salvadora” para seus filhos. É importante destacar que, ao assumirem esse perfil do Judô como verdadeiro, os adultos esperam que essas expectativas se cumpram, acabando por transferir a responsabilidade de educar ao mestre e ao próprio Judô.

Essa fantasia, fatalmente, acabou gerando o pensamento de que a práxis do Judô, além de educar o caráter do praticante, seria suficiente para a sua construção integral, eximindo, portanto, o trabalho dos pais na formação dos próprios filhos. Essa visão simplista de que basta o aluno vestir um *judogi* e pisar em um tatame para aprender a respeitar os demais se estende a outras modalidades esportivas, propagando a ideia de que a prática de qualquer esporte, independentemente de contexto ou finalidade, educa. Entretanto, sem a intencionalidade do professor em usar o esporte, mais especificamente o Judô, como meio de transmissão dos valores ditos como inerentes à prática esportiva, a tarefa pedagógica fica reduzida ao ensino de como derrubar, cair e imobilizar. Portanto, conforme afirma Hiram (2016), o desenvolvimento de valores no ensino do esporte deve ocorrer de maneira planejada, o que ocorria com certa frequência durante as aulas, quando o professor falava para a turma sobre a importância de valores como o respeito e questionava os alunos sobre como eles poderiam demonstrar respeito dentro e fora do *dojo*.

Além disso, é corrente a crença de que esporte e lazer andam juntos. Dito de outra forma, a prática informal esportiva serve como recreação e ocupação durante o tempo livre. Como reforça o senso comum: “o esporte afasta dos perigos da rua”. Contudo, a prática do Judô está restrita a um espaço definido, a um regimento específico e à intervenção direta do mestre e, no caso da competição, do árbitro. De não ser assim, a prática informal do Judô no âmbito da rua ficaria indistinguível de uma briga. Ou seja: não há como inventar regras ou aceitar qualquer tipo de golpe numa prática informal, ao contrário do que acontece com o futebol e com vôlei ambientados na rua, em que o ajuste de regras e a adequação ao espaço disponível é resultado de um acordo entre os sujeitos praticantes naquele momento.

A partir disso, qual o papel dos pais/família/responsáveis no processo de aprendizagem do Judô? A motivação desses personagens ao inscrever as crianças nas aulas de Judô vai dar a tônica do trabalho que esperam que seja realizado. Se a adesão ao Judô é apenas recreativa, ou com vistas à interação social, ou com fins competitivos, ou como opção de ocupação durante um certo período do dia (para pais que não têm onde deixar seus filhos), ou com caráter disciplinador, a família terá,

obrigatoriamente um papel fundamental, seja motivando o aluno à prática, seja lembrando regras básicas de conduta (aprendidas previamente em casa), seja reforçando as normas e combinações trabalhadas em aula, seja intervindo sempre que o professor lhe sinalizar a necessidade.

Com base nessas reflexões, vamos retomar os acontecimentos relatados sobre os casos de Dirceu e Renato. Dirceu não apresentava comportamento maduro para a prática, recusando-se, em muitos momentos, a respeitar as etapas do processo de aprendizagem (aprender a cair antes de aprender a derrubar) e a atender as propostas apresentadas, já que preferia “brincar de lutinha”, apesar de ter bem claro o caráter defensivo proporcionado pelo Judô. Dirceu referia-se a isso constantemente durante as aulas, dizendo que “o Judô é pra se defender”, e que o Judô não deve ser usado para machucar os outros, mesmo quando se brinca de luta. Embora reconheça que há algo de importante no Judô, a aula funcionava para ele mais como um espaço de interação e de lazer com outras crianças. A expectativa de seu irmão, contudo, era outra, posto que ele reforçava nossos avisos no tocante ao comportamento durante as práticas, reafirmando os limites pedagógicos das aulas. O comportamento do responsável por Dirceu evidencia uma preocupação com a autodefesa e o autocontrole, através da intervenção mais enérgica a cada atitude inadequada durante as aulas. Por outro lado, as constantes ausências de Dirceu também sinalizavam alguma dificuldade em manter a adesão à rotina de práticas, talvez por problemas financeiros ou pela importância relativa dada às aulas.

No caso de Renato, apesar da consistência de sua assiduidade às aulas, a postura aparentemente neutra da mãe em relação aos eventos narrados denota uma possível falta de compromisso com a atividade do filho. Era clara a transferência de responsabilidade de educar, já que, mesmo em presença de comportamentos inadequados de Renato, quando das práticas, não fazia intervenção alguma. É importante que se reforce o fato de que as abordagens funcionam melhor quando feitas no momento em que uma situação problema é constatada, principalmente quando se trata de crianças pequenas, pois o distanciamento no tempo e no espaço dificultam a elas a rememoração exata do ocorrido, comprometendo o entendimento claro dos motivos e consequências de uma atitude inadequada. No caso em análise, não se comprovou alguma fala ou gesto por parte da mãe de Renato no sentido de reforçar a chamada de atenção feita por mim e pelo professor. O histórico de implicâncias e *bullying* de Renato com colegas como Éder e Sérgio, além de sua baixa

tolerância à frustração - exemplificada com o episódio em que o ensinamos a amarrar a faixa, quando ele teve um ataque de birra e pediu para que fizéssemos isso para ele - sugeriam a ideia de que sua matrícula foi feita para que fosse “civilizado” pelo Judô.

O Judô, por si só, não educa. Mesmo com um esforço por parte do professor em utilizar essa prática como meio transmissor dos valores sociais de prestígio (respeito, disciplina, coragem, autonomia, autocontrole, perseverança e determinação), o aluno não irá magicamente incorporá-los às suas vivências cotidianas apenas por pisar no tatame. Do mesmo modo, é necessário que o professor planeje as suas aulas, considerando os diferentes níveis de domínio cognitivo, de desenvolvimento motor e de maturidade emocional do seu grupo, de modo a acolher todos efetivamente na aula. Também é legítimo questionar qual a expectativa real dos pais em relação ao que o Judô pode, de fato, trazer para seus filhos: que tipo de Judô será praticado por essas crianças do Tesourinha, de cinco a oito anos de idade? Que perfil pedagógico deverá ter o professor que for trabalhar com essas crianças? Até que ponto ele deverá ser tolerante sem descambar para a permissividade ou omissão? Como equilibrar a adesão dos alunos ou o seu interesse pelas atividades sem fazer das aulas um show de circo e do professor um mero animador de plateia? E, por fim, de que modo se pode harmonizar a relação entre fazer pedagógico, interesse social e viabilidade econômica da prática do Judô? Se isso não for levado em conta por pais e professores, corre-se o risco de o tatame ser convertido em um depósito de crianças, em que se constata a prática de Judô sem um propósito claro, mas esperando que ocorra um milagre e transforme os alunos que ali estão, tornando-os aptos à prática proficiente do Judô e ao convívio social pleno.

4 VIVENDO E APRENDENDO A PERDER

Inerentemente a qualquer atividade competitiva está presente o conceito de vencedores e perdedores. Numa sociedade em que os vencedores desfrutam de maior reconhecimento, ser derrotado é visto como sinal de inaptidão, de incompetência e de incapacidade, o que pode ser motivo de grande frustração. Lidar com as frustrações das derrotas é um dos grandes desafios da vida adulta e, por esse motivo, pais, responsáveis e professores tentam, de diferentes maneiras, ensinar desde cedo às crianças como administrar esses sentimentos. Uma dessas maneiras é através do esporte. Contudo, cabe uma indagação: como ensinamos a perder?

Em quase todas as aulas que acompanhei ao longo do estágio, eram feitas atividades que envolvessem algum tipo de oposição, sejam elas jogos ou *Randoris*. A presença do elemento lúdico era constante. Muitas vezes, era possível ver os alunos rindo ou sorrindo enquanto lutavam, o que me leva a crer que, para muitos deles, a luta de Judô era encarada como um “jogo de luta”, em que ser derrubado não causava a mesma angústia que perder em uma final de campeonato, por exemplo. O *Randori* sempre era enfatizado como um treino, com o objetivo de experimentar os golpes que haviam aprendido. Entretanto, um caso na aula do dia 16 de setembro de 2022 acabou me mostrando que as coisas não eram bem como eu imaginava.

Fiquei encarregado de ministrar a parte inicial da aula naquele dia. Então optei por fazer algo diferente do habitual e propus atividades de estafeta, separando a turma em duas equipes. A atividade era relativamente simples: os grupos foram organizados em colunas de frente para um cone. O primeiro da formação devia correr ao redor do cone e ir para o final da formação, momento em que o próximo sai para contornar o cone. A atividade acabava quando todos de uma coluna contornavam o cone. Em um primeiro momento, desafiei os alunos a terminarem o mais rápido possível, sem se preocuparem com o desempenho da outra equipe. Após essa “rodada teste”, falei para a turma que agora seria uma competição, e que a equipe vencedora seria aquela em que todos os integrantes contornassem o cone primeiro. Ao adicionar o fator competição, foi notável o aumento na motivação dos alunos, que passaram a incentivar ainda mais os colegas para que corresse mais rápido. Como a turma gostava de atividades como pega-pega, que envolvem correr, não demorou para a estafeta cair nas graças das crianças, que pediram para repetir a atividade. A equipe que perdia sempre estava disposta a pedir uma revanche, mas certos alunos lidavam com a derrota de maneiras muito distintas. Éder passava muito tempo reclamando que a equipe rival não estava seguindo as regras, deixando de prestar atenção na sua própria equipe. Esses constantes protestos de Éder tiravam sua atenção da atividade em si, pois demorava para correr quando era sua vez, permitindo que os oponentes abrissem vantagem. Quando via que suas reclamações não eram atendidas e que seu time estava muito para trás, começava a chorar. Sérgio, por sua vez, ficava emburrado e também chorava, cruzando os braços e dizendo que não queria brincar mais, sem falar o motivo quando questionado por mim e pelo professor, mas, claramente, era por sua equipe ter perdido a disputa. Na rodada final da atividade, após o time de Sérgio e Éder ter perdido por muito pouco, pedi para que ambas as

colunas virassem de frente uma para outra e realizassem a saudação tradicional do Judô, cumprimentando e agradecendo aos colegas pela partida. Éder já se havia acalmado e fez a saudação normalmente, ansioso pela próxima atividade, enquanto Sérgio ainda estava incomodado com a derrota e fez a saudação de modo desleixado, demorando um pouco mais para esquecer o ocorrido no jogo. Cabe salientar que ambos tinham a mesma idade (seis anos, na época do estágio). Terminada a aula, fui pedir um *feedback* do professor sobre a parte que ministrei. O retorno dado foi que, como a disputa foi concorrida, eu deveria ter declarado empate, pois alguns alunos não sabem lidar bem com a derrota. Essa justificativa me pareceu um tanto curiosa, visto que o Judô é um esporte em que não há a possibilidade de empate. Que melhor momento para o judoca iniciante experienciar a derrota do que em uma brincadeira da aula de Judô?

Vencer e perder são fatores inescapáveis de qualquer competição. As competições, como coloca Kamii (2009), causam certa preocupação em professores, pois podem gerar rivalidades e, para aqueles que perdem, sentimentos de fracasso e rejeição. A autora continua sua reflexão, apontando alguns motivos que fazem com que educadores sejam contra a utilização de competições em jogos em grupo com crianças pequenas, como uma crença de que elas já são competitivas demais, o desejo em “protegê-las” da exposição precoce à competitividade presente na nossa sociedade e, finalmente, o simples fato de incomodarem as crianças que perdem. Tais justificativas, embora válidas, não podem impedir que os alunos vivenciem o ato de competir, ainda mais em uma aula de Judô. Cabe lembrar que Jigoro Kano enxergava, na luta, uma atividade competitiva com vencedores e perdedores, a possibilidade de crescimento mútuo, descrito como o princípio *Jita Kyoie*. O objetivo do *Randori* (apresentado no marco teórico deste relato), conforme descrito por Kano (2018), não é meramente vencer, mas sim aprimorar-se, indo ao encontro de dois princípios de ensino relativos à competição elencados por Kamii (2009): a importância de lidar com a vitória de forma natural e deixar claro que perder faz parte do jogo. Durante as aulas no Tesourinha, os *Randoris* corriam sem problemas na maioria das vezes, já que, para os alunos, eles estavam apenas “brincando de lutinha”; ser derrubado, nesse contexto, não significava derrota, apenas que o aluno devia se levantar e tentar de novo. A presença desse elemento lúdico nas atividades com oposição e o cuidado do professor em deixar claro que o *Randori* era um treino, e não

uma luta “valendo”, certamente contribuiu para que as crianças aceitassem melhor as derrotas, já que estas últimas estavam “camufladas”, por assim dizer.

O caso da atividade da estafeta chamou-me a atenção pelo conselho quase que radicalmente oposto ao que era desenvolvido nas aulas. Se os alunos, na sua maioria, sabiam como lidar com a derrota, por que motivo eu deveria ter declarado empate na última rodada da estafeta? Não tenho uma resposta definitiva, mas consigo fazer algumas suposições a esse respeito. A primeira é a de que o tipo de atividade que propus carecia do elemento lúdico, então era uma competição “séria”, algo com o qual parte dos alunos não está acostumada a lidar. Portanto, ao sugerir que eu anunciasse empate, o professor estaria, de certa maneira, avisando-me que alguns ainda não estavam prontos para encarar as competições sem a roupagem lúdica e que o melhor seria dizer que ninguém perdeu. A segunda teoria envolve uma questão de otimização do tempo de prática. Tendo em vista que alunos como Sérgio simplesmente param de fazer atividades até cessarem com a birra e que explicar que perder faz parte do jogo é um processo que demanda certo tempo e energia, talvez a sugestão do empate tenha sido feita objetivando uma melhor organização da turma para as atividades seguintes. Se não há perdedores, não haveria motivo para birra (embora alguns possam se queixar de não haver vencedores), então os alunos poderiam fazer as outras atividades mais rapidamente. Minha última hipótese envolve uma questão de preservação de energia. O professor não dava aula de Judô apenas no ginásio Tesourinha, mas também em outros lugares, como no CECOPAM (Centro da Comunidade Parque Madepinho). Portanto, a sugestão de empate seria para evitar um desgaste ao tentar acalmar aqueles que perderam a atividade de estafeta, já visando as aulas seguintes. Dito de modo mais direto: como ele teria que ministrar mais aulas ao longo do dia, com turmas possivelmente mais exigentes que a do Tesourinha, propor que eu declarasse empate seria uma maneira de economizar energia ao lidar com quem ficasse frustrado pela derrota. Qualquer que tenha sido o motivo, o caso da estafeta serviu para esclarecer que não basta falarmos para os alunos que perder faz parte do jogo e esperarmos que eles aceitem automaticamente a derrota sem problemas. Aprender a perder é um processo complexo e único para cada um, mas existem maneiras de gradualmente mostrar para as crianças que, nas competições, perder não é o fim, e sim a chance de um novo começo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Judô nasceu com um propósito extremamente diferente de sua arte marcial progenitora, o *Ju-jutsu*. Em vez de ser usada para tirar vidas, a criação de Jigoro Kano foi pensada como uma maneira de aprimorar o corpo, a mente e a moral (KANO, 2017). A inclusão do Judô no programa olímpico, junto dos valores e preceitos éticos que herdou do *bushido* (TRUSZ, 2018), cimentou o lugar da modalidade no imaginário popular como um “esporte que educa”. Com isso, muitos pais passaram a matricular seus filhos agitados em aulas de Judô esperando que internalizassem valores éticos como respeito, disciplina e perseverança, e no Tesourinha não foi diferente. Assim, a tarefa de educar (ou, dito de outra forma, “colocar na linha”) essas crianças ficou sob o meu encargo e do professor, visto que éramos judocas, e o Judô “ensina respeito”.

Os casos de Renato e Dirceu foram exemplos claros dessa visão de que o esporte (e o Judô, por tabela) serve para educar. Ambos os meninos eram muito agitados nas aulas e não tinham comportamentos maduros para a prática em grupo, como a falta de paciência com as etapas de aprendizagem (caso de Dirceu), e o *bullying* feito com colegas (caso de Renato). Os responsáveis pelos dois tinham posturas bem diferentes com as atitudes das crianças; o irmão mais velho de Dirceu reforçava nossos avisos para que prestasse atenção, e a mãe de Renato nada falava do comportamento do filho, mesmo estando presente quando ele era repreendido ou sendo reincidente em alguma atitude inadequada. Aqui é seguro afirmar que, embora seja possível usar o esporte para transmitir valores, isto deve, como afirma Hirama (2016), ser feito de maneira planejada. Se não houver intenção do professor de Judô em tentar passar valores para seus alunos, eles não irão aprendê-los só por pisar no tatame e vestir o *judogi*.

A competição faz parte dos esportes, e o Judô não é exceção. Vencer e perder são partes indissociáveis do ato de competir, sendo necessário ensinar como lidar com a euforia da vitória e a frustração da derrota. Durante as aulas, o professor valia-se do elemento lúdico para tornar as derrotas nas atividades de oposição e *Randoris* mais “palatáveis”. Com isso, os alunos não lutavam, mas brincavam de lutar, o que tornava o processo de aprender a aceitar as derrotas mais fácil. Contudo, como ficou claro na atividade das estafetas, embora a competição sem o elemento lúdico motive bastante os alunos, ela pode gerar frustração naqueles que perderem. Apesar de não ser agradável para a criança que perde, Kamii (2009) afirma que a competição, se tratada de maneira adequada, é extremamente positiva, e, por isso, não podemos

deixar de permitir que compitam. Se há uma lição que o Judô ensina é a de que sempre devemos levantar após cairmos, e que, para aqueles que estão treinando e se frustram ao serem derrubados nos *Randoris* ou em competições, não há ensinamento mais valioso.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 19, p. 20-28, jan. 2002.

BARROS, Miguel Machado Mello Gomes de. **Avaliações no judô: reflexões sobre o exame de faixa**. 2021. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003. 612 p.

FABIANI, Débora Jaqueline Farias; SCAGLIA, Alcides José; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. O JOGO DE FAZ DE CONTA E O ENSINO DA LUTA PARA CRIANÇAS: criando ambientes de aprendizagem. **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 130-142, 31 mar. 2016. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v19i1.38568>.

HIRAMA, Leopoldo Katsuki; JOAQUIM, Cássia dos Santos; MONTAGNER, Paulo Cesar. **ESPORTE E CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE MORAL: impressões de jovens em projetos socioesportivos**. *Educación Física y Deporte*, [S.L.], v. 34, n. 2, p. 525-553, dez. 2016. Universidad de Antioquia. <http://dx.doi.org/10.17533/udea.efyd.v34n2a10>.

KAMII, Constance. **Jogos em grupo na educação infantil: implicação na teoria de Piaget**. Porto Alegre: Artmed, 2009

KANO, Jigoro. **Energia mental e física: escritos do fundador do judô**. 6. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. 128 p.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2017. 271 p.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996

PATE, Alan Scott. **Ningyo: the art of the japanese doll**. United States Of America: Tuttle Publishing, 2013. 288 p.

SANTOS, Alexandre Fontoura dos. **A contribuição do confucionismo para as inter-relações doutrinárias presentes no pensamento japonês durante a formação do Período Edo (Séc. XVII)**. 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História,

Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TRUSZ, Rodrigo Augusto. **A relação entre a prática de judô e o desenvolvimento de comportamentos socialmente competentes na infância:** a experiência dos professores do Projeto Bugre Lucena da ESEFID/UFRGS. 2018. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

WATSON, Brian N.. **Judo Memoirs of Jigoro Kano.** Estados Unidos da América: Trafford Publishing, 2008. 218 p.